

POESIA CONTEMPORÂNEA: UMA APROXIMAÇÃO HORIZONTAL

Thays Keylla de Albuquerque¹

RESUMO: Pensar em formas contemporâneas para uma visão crítica da poesia constitui o foco deste trabalho, em uma revisão teórica sobre como a crítica tem construído as apreciações a respeito da poesia brasileira recente. Observo como a academia relaciona a poesia contemporânea à tradição e ao cânone de forma a hierarquizar produções em escalas de valores que diminuem o que foi publicado após o modernismo, o que gera um esvaziamento de valor estético para os poetas da contemporaneidade. Compreendo que as possíveis respostas para essa questão podem ser suscitadas não apenas por teóricos do campo da literatura como Josefina Ludmer (2007), Marcos Siscar (2005), Alberto Pucheu (2014) e Celia Pedrosa (2015); mas também por estudiosos de outras áreas como Agambem (2007/ 2009) e Boaventura de Sousa Santos (2007) da filosofia e ciências sociais, respectivamente; Joseph Kosuth (2006) e Nicolas Bourriaud (2009) das artes visuais. Proponho, em uma construção de dispositivos em teia que conecta reflexões da sociedade e cultura atuais, uma visão outra para pensar poesia que corresponde a uma pretensão de atualização e abertura acadêmica para aceitação do pluralismo teórico e possibilidades múltiplas de trajetórias para a construção da crítica literária em nossos tempos. O olhar da crítica diante das produções poéticas pode ser mais horizontal, em termos da ecologia de saberes proposta por Santos (2007), a partir de uma aproximação despida de preconceitos. Dessa forma, a poesia contemporânea corresponde a outra esfera na constituição da tradição, nem melhor nem pior que a produção modernista, abolida a escala hierárquica.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria contemporânea e ecologia de saberes; Crítica literária e tradição; Poesia contemporânea brasileira.

ABSTRACT: This work aims at thinking about forms for a critical view of contemporary poetry, through a theoretical revision of criticism on recent Brazilian poetry. I observe that academic thought tends to relate contemporary poetry to tradition and to canonic literature in order to hierarchize productions on scales that diminish what has been published after modernism, aesthetically devaluing contemporary poets. I understand that possible answers to this question can be found not only in literary theoreticians such as Josefina Ludmer (2007), Marcos Siscar (2005), Alberto Pucheu (2014) and Celia Pedrosa (2015), but also in scholars associated to other fields of studies such as Agambem (2007/2009) and Boaventura de Sousa Santos (2007), from the field of philosophy and social sciences, respectively, and Joseph Kosuth (2006) and Nicolas Bourriaud (2009), both from visual arts. Therefore, I propose an update in our thinking of poetry, connecting different cultural and social reflections in a net, opening up to theoretical pluralism and to multiple trajectories of literary criticism. In this way, critical analysis of recent poetic productions may be more horizontal, in terms of an ecology of knowledge as proposed by Santos (2007); a prejudice-free approach that considers contemporary poetry another sphere in the constitution of tradition, neither better nor worse than modernist production.

KEYWORDS: Contemporary theory and ecology of knowledge; Literary criticism and tradition; Contemporary Brazilian poetry.

¹ Professora efetiva de língua castelhana e literaturas hispânicas da Universidade Estadual da Paraíba. Doutoranda em Teoria da Literatura do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

1. Localização ou ponto de partida

Observo hoje minha trajetória acadêmica e analiso o quanto a academia esteve, para minha geração na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), distante do contemporâneo. Disciplinas e professores de forma geral se dispunham ao trabalho, necessário e válido, do esmiuçar teórico da literatura canonizada. Foram raras as exceções, sobretudo propostas pela professora Lucila Nogueira, de ler e discutir a literatura mais recente e ainda não canonizada de Miró da Muribeca, por exemplo, através de aula aberta no *hall* do Centro de Artes e Comunicação com a presença do poeta. A mesma professora ofereceu em 2009 a disciplina de tópicos específicos "Teoria da Poesia, Pós-Modernidade e Poesia da Experiência" no programa de pós-graduação da UFPE, e nessa ocasião tive a oportunidade de ter contato com a poesia de Sylvia Plath, Robert Lowell e Anne Sexton. Além de ser apresentada a uma perspectiva de aproximação à poesia que permitia uma análise crítica que considerasse a biografia do autor tanto como matéria-prima para seu fazer poético quanto para construção de considerações analíticas do poema, desconSIDERANDO o "cacoete universitário" que primava pela exclusão dos dados biográficos na análise da obra, já que "a literatura é autônoma" como aprendemos desde os primeiros dias do curso de Letras. Ao término do mestrado, defendi uma dissertação centrada na análise do ressurgimento das línguas e literaturas periféricas da Espanha no séc. XIX (*Rexurdimento* galego, *Renaixença* catalã e *Berpizkundea* basco), em que relacionava a história da macro-nação Espanha com as identidades locais das micro-nações, discuti como isso foi representado pela literatura da época, com foco na obra de Rosalía de Castro.

Como se vê, as ligações entre Literatura e Vida, Literatura e Sociedade estiveram presentes e foram cultivadas por mim, sobretudo, a partir das oportunidades que vieram com a pós-graduação e corresponde a uma concepção de crítica literária para além da pretensa autonomia do texto literário. Passados cinco anos da defesa da dissertação, retorno à UFPE para o doutorado e mais uma vez me proponho a cursar uma disciplina centrada em poesia, embora o meu projeto de doutorado seja em narrativa contemporânea hispano-americana, especificamente escritas do eu e memória. Agora, como professora universitária na Universidade Estadual da Paraíba e integrante de um coletivo de literatura, Ariel Coletivo Literário, tenho um contato diário com a poesia produzida atualmente, leio e discuto poemas de diversas tendências que compõem o panorama da literatura do presente e não poderia me abster de tratar sobre esse tema nesse artigo. A escolha pelo tema, por um lado, está diretamente imbricada em minhas vivências até aqui, mas, por outro, foi ainda mais estimulada por notar a pouca presença de teóricos e poetas do contemporâneo (últimos trinta anos)². Dessa forma, decidi explorar algumas vertentes críticas mais atuais para pensar a literatura, a poesia.

É nesse panorama que assumo o risco de falar do hoje, da poesia e da crítica contemporâneas, como um compromisso diante da estudante, professora e ativista cultural que sou e que quero ser. Compreendo que nenhum discurso é neutro, não tenho a ilusão da imparcialidade, nem em meu texto nem nos dos demais. Como bem esclarece Regina Dalcastagnè (2012, p.75) no livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*:

Plenamente cônescios do comprometimento ideológico de todo e qualquer discurso, não há mais como dialogar com o mundo sem desconfiança, nem,

² No decorrer do trabalho, discutirei de forma mais detalhada as perspectivas sobre o contemporâneo.

tampouco, ter a pretensão da imparcialidade. Em meio a um emaranhado de discursos, somos levados a optar pelos que nos convêm e, é claro, arcar com as responsabilidades da escolha.

As considerações apresentadas nesse estudo, portanto, estão atravessadas por minha bagagem de conhecimento, experiências e crenças. Tenho apenas a segurança que elas constituem um caminho possível para pensar a poesia contemporânea.

2. Mapeamento do contemporâneo

Os desafios em tratar da literatura do presente é não ter a distância necessária para olhar para trás e ver de forma mais ampla e relacional o que ficou de um determinado tempo, quais as consequências e heranças do que foi produzido. O contemporâneo é um terreno movediço e, como tal, instável, a tarefa do poeta segundo Agambem (2009, p.62) é:

O poeta - o contemporâneo - deve manter fixo o olhar no seu tempo. Mas o que vê quem vê o seu tempo, o sorriso demente do seu século? Neste ponto gostaria de lhes propor uma segunda definição da contemporaneidade: contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.

Nesse caso, essa visão obscura do presente serve tanto para o poeta quanto para o crítico. Celia Pedrosa (2015) esclarece que esse estado enevoado se refere também a inscrição das obras e autores contemporâneos na tradição: "(...) a situação de contemporaneidade serve para deixar em aberto o sentido e os limites da prática poética e de sua inscrição temporal". O que pode se apresentar como uma característica que cause recuo e distanciamento para alguns estudiosos torna-se o interesse primordial de outros. Essa obscuridade interessa, por exemplo, aos estudiosos do contemporâneo que buscam caminhos diferenciados para entender a literatura hoje.

Nessa perspectiva, Josefina Ludmer desenvolveu profundamente a ideia da insuficiência da Literatura como campo autônomo, voltado para si e com instrumentos autossuficientes de análise. Em "Literaturas postautônomas" (2007), a estudiosa argentina destaca alguns pontos fundamentais para a compreensão da literatura na contemporaneidade: as novas formas de produção e circulação das obras literárias, o que consequentemente resulta em novas formas de ler; a constatação que "todo cultural é econômico"; a dissolução das fronteiras entre realidade e ficção; e a demonstração que a literatura como esfera autônoma e privilegiada é uma ilusão. Nesse novo contexto, questiona-se o espaço para o ato da crítica simplesmente como mecanismo de valorização do literário, já que critérios como o da literariedade, da boa ou má literatura (literatura ou não literatura) são dissolvidos. Mas como a própria Ludmer lembra, ou podemos ver a mudança do estatuto da literatura para que se busque outras formas de ler hoje e modificar a episteme ou podemos nos negar e continuar com classificações de literatura e não literatura.

Especificamente no que concerne à poesia, a também argentina Florencia Garramuño (2008) em artigo intitulado "Império dos sentidos: poesia, cultura e

heteronomia” analisa alguns poemas de autores contemporâneos brasileiros e argentinos de forma a se perguntar sobre os novos usos que estão fazendo na poesia da experiência e dos objetos cotidianos, uma poesia que pode "definir sentimentos e sensações em termos materialistas e concretos", ela contesta a autonomia da poesia e revela que essa poesia "impõe lógicas amiúde desestabilizadoras e contraditórias tanto da obra quanto de um sujeito que permanece imune aos desafios do mundo". No parágrafo final de seu texto, a teórica é ainda mais contundente:

Nesses novos modos de usar, a poesia pareceria se comportar como uma ferramenta para explorar as lógicas diferentes e heterogêneas que regem o espaço social. Objetiva e subjetiva, trata-se de uma literatura que só pensa na forma e no sujeito como manifestação heterônoma das lógicas heterogêneas sobre as quais o poema - a literatura - reflete.

O que as apreciações vistas representam é uma amplitude da crítica para o estudo da literatura, inclusive revendo aquilo que normalmente era considerado como regra básica: a literatura é autônoma? A poesia é autônoma? Teoriza-se sobre questões de interdependência entre as artes e áreas do conhecimento, o que gera uma fluidez nas barreiras que as isolavam como esferas autônomas anteriormente. E também é discutido a questão do valor literário, apresentado no cerne dessas escritas do presente. De forma que há:

uma nova possibilidade na esfera do cotidiano e da criação que vem frisar uma dinâmica de superposição sincrônica em que o autônomo e seu pós, ao invés de cada um aniquilar sua alteridade, deixam suas camadas visíveis em transparências atuantes, como em uma aquarela anônima e pública em que as superposições das imagens diacrônicas, mantendo-se ambivalentes, borram a cronologia e a obrigatoriedade da existência de apenas um dos planos (PUCHEU, 2014, p.258).

Abre-se o leque para as inúmeras possibilidades de tratar a literatura e a arte no contemporâneo. A ideia da aquarela em superposições das imagens explicada por Alberto Pucheu no livro *Apoesia contemporânea* (2014) representa esse estado múltiplo de caminhos possíveis para o desenvolvimento do fazer artístico contemporâneo sem que, necessariamente, a opção por um caminho represente depreciação de outro caminho possível. Na era das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), o acesso às informações e as possibilidades de compartilhamento e comunicação são incomensuráveis, essa situação permite uma visão mais panorâmica do diverso e ativa o interesse por tendências com características bem diferentes entre si, sem que isso signifique uma classificação apreciativa entre elas. Observa-se um universo multifacetado de possibilidades para a produção artística em que buscar formas de produção nesse "caos cultural" representa novas relações com a tradição que responde a anseios outros dos artistas do presente, como propõe Nicolas Bourriard no livro *Pós-Produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo* (2009, p.13):

A pergunta artística não é mais: "o que fazer de novidade?", e sim: "o que fazer com isso?". Dito em outros termos, como produzir singularidades, como elaborar sentidos a partir dessa massa caótica de objetos, de nomes próprios e de referências que constituem nosso cotidiano? Assim, os artistas atuais não compõem, mas *programam* formas. Em vez de transfigurar um elemento bruto (a tela branca, a argila), eles utilizam o *dado*. Evoluindo no universo de produtos à venda, de formas pré-existentes, de sinais já emitidos, de prédios já

construídos, de itinerários já balizados por seus desbravadores, eles não consideram mais o campo artístico (e poderíamos acrescentar a televisão, o cinema e a literatura) como um museu com obras que devem ser citadas ou "superadas", como pretendia a ideologia modernista do novo, mas sim como uma loja cheia de ferramentas para usar, estoques de dados para manipular, reordenar e lançar.

Essa atitude aclara que a relação com a tradição é diferenciada porque as pretensões dos artistas do contemporâneo são distintas das desenvolvidas pelos modernistas, o anseio por "originalidade" e ruptura depois das vivências, sobretudo da primeira metade, do século XX perde sentido na arte contemporânea. Parece mais válido, então, fazer uso do que já foi conquistado pelos artistas precedentes, servindo-se da herança cultural para produzir arte que reorganize o já estabelecido a partir de um funcionamento pensado no hoje, em combinatórias e manipulações próprias do contemporâneo como já afirmava Garramuño (2008).

Para questões diferenciadas, deve-se chegar a respostas também diferentes. Ao compreendermos que a poesia contemporânea apresenta um projeto particular, inclusive pela ausência de projeto coletivo ou de linhas demarcadas na constituição da produção poética, podemos chegar a contestar os critérios da crítica em compará-la frequentemente ao cânone modernista - principal referencial da poesia brasileira - e a constante diminuição da "qualidade" da poesia produzida desde então, já que ela, várias vezes, é considerada como uma época de transição por não conseguir apresentar a homogeneidade de um grupo de poetas ou um/ uma poeta particular em destaque em relação aos demais. A crítica, por isso, tem dificuldade em conseguir situar a poesia contemporânea diante da tradição e da deficiência na demarcação de autores canônicos das novas gerações.

Nessa linha de reflexão, podemos pensar na relação que Eliot em *Tradição e Talento Individual* (1989) expõe sobre a tarefa do poeta com a tradição. Nesse texto, contra a ideia de valorização do poeta pelo que ele apresenta de mais singular em relação aos demais poetas da geração, Eliot defende que a qualidade do poeta está em como ele se relaciona com os poetas ancestrais em uma revitalização dos mesmos a partir de sua obra, sendo ainda mais válida essa constatação se não se tratarem de poetas de uma geração anterior, ainda próxima temporalmente ao poeta em questão. As ideias de *Tradição e Talento Individual* discutem o estabelecimento do sistema da tradição (também em relação à estruturação do cânone: "os poetas tradicionais") ao revelar o sentido histórico inerente à avaliação crítica atemporal do sistema da literatura:

Nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho. Seu significado e a apreciação que dele fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas e os artistas mortos. Não se pode estimá-lo em si; é preciso situá-lo, para contraste e comparação, entre os mortos. Entendo isso como um princípio de estética, não apenas histórica, mas no sentido crítico (ELIOT, 1989, p.39).

As visões de Bourriaud e Eliot não são excludentes, senão complementárias na construção da minha perspectiva sobre a crítica de poesia hoje. Concordo com Eliot que na análise da tradição literária as novas gerações de poetas se relacionam com as anteriores e a partir daí a tarefa da crítica é pensar como essas relações se dão. E como explica Bourriaud, os artistas do contemporâneo bebem das gerações anteriores e fazem usos distintos do que já foi produzido, o que também me parece claro. O problema que constato, porém, no caso da poesia brasileira contemporânea, é a tendência da crítica em

diminuir a poesia produzida atualmente pela constante comparação à poesia modernista considerada como canônica, em um processo de hierarquização do valor literário.

3. Traçando novos caminhos para entender a poesia brasileira contemporânea

Após a poesia de Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, nota-se no cenário brasileiro a falta de um nome que se destaque enquanto poeta primordial de uma geração, essa situação é exposta pela crítica como um mal-estar que evidencia uma certa carência no concernente à produção poética. Estudiosos, como Winick na conferência *Estado Irredutível da linguagem* (2011), compartilham desse ponto de vista ao expor que entre professores de literatura há uma vastidão de respostas à pergunta sobre os poetas representativos da poesia brasileira do presente, o que consequentemente deixa em suspenso o estabelecimento de uma visão canônica. De forma mais brutal, anos antes, a professora Iunna Maria Simon, em parceria com Vinícius Dantas, publica o artigo “Poesia ruim, sociedade pior” (1985), que traça algumas considerações sobre a situação da poesia brasileira a partir da poesia marginal dos anos 70 e de alguns poetas dos 80. Aparecem de forma solta, já que o referido artigo não propõe a análise de nenhum texto literário específico, poemas de vários autores como Francisco Alvim, Charles e Ana Cristina Cesar, que são organizados na esteira das páginas que compõem o texto crítico. Em diversos pontos, destaca-se o caráter de "incultura" que a poesia dessa época representa a partir de sua "desqualificação literária". Neste caso, o problema não está em apenas não ter um poeta ou um conjunto de poetas considerados significativos, mas em diagnosticar que essa poesia não tem qualidades literárias. Nas conclusões do artigo lê-se:

O panorama parece catastrófico, do ponto de vista das linguagens poéticas criadas, reduzidas a uma espécie de gíria rotineira, incapazes de se abrirem para os múltiplos saberes e as múltiplas linguagens que povoam este horizonte; porém, no que diz respeito à sua existência social elas não inspiram idealizações, nem prometem o que não podem cumprir — mudar o mundo com as formas.

Este quadro sintomático atravessa a sensibilidade poética brasileira e pode ser diagnosticado pela substância antiliterária e pela descaracterização estilística das tendências atuais, inclusive de muitas não historicamente identificadas à poesia marginal, como certas vertentes da poesia feminista, *gay*, *pornô*, pós-concretista, tardo-vanguardista, surgidas mais recentemente (SIMON & DANTAS, 1985, p.60).

Ainda há estudiosos que compartilham dessa linha "catastrófica" ao pensar a poesia brasileira do presente, já que há um pluralismo de tendências que indica a ausência de um projeto coletivo de vertentes específicas, além de uma literatura voltada para o subjetivismo, o emocional, as questões político-sociais, utilizando-se de linguagem cotidiana, características que são vistas de forma depreciativa pela crítica tradicional que valoriza o trabalho formal com a linguagem, uma poesia do pensamento (intelectual) e não da emoção, por exemplo.

Essa forma de ver o poético ainda associada às premissas formalistas da literatura é um caminho possível, pode e é cultivado atualmente. Não pretendo nesse texto negar essa possibilidade como válida. Gostaria apenas que houvesse uma tranquilidade acadêmica para perspectivas outras de abordagem crítica da poesia que podem estar ou não centradas especificamente no trabalho formalista da linguagem, a "literatura como

artifício". Parece-me que a crítica que se debruça sobre a narrativa vem conseguindo ampliar esse quadro de forma mais frutífera que a da poesia, pois valorizam a obra estudada, em muitos casos, pelas conexões possíveis que estabelece entre os diversos saberes, como: literatura e sociedade, literatura e filosofia, literatura e outras artes. Além de abarcar o constante hibridismo de gêneros e intenções heterogêneas que marcam o contemporâneo. Mas não entendo por que no caso da poesia há uma resistência maior da crítica, talvez pelo *status* mesmo de exceção que a poesia ocupa nos estudos literários, um lugar de suposto privilégio: "Entre todas as formas da linguagem, a poesia é a mais intraduzível e a mais irredutível a outro discurso que não seja o seu. Nela, a palavra emana dela mesma" (WINISK, 2009, p.169).

A poesia contemporânea brasileira não é produzida hoje - se é que alguma vez foi - de forma homogênea e não há como estabelecer um cânone para a poesia recente. Isso representa algo negativo? Tão acostumados que estamos em classificações e genialidades, pretendemos permanentemente fazer hierarquizações em que tal poeta claramente é superior aos demais, o que faz com que os seus contemporâneos o sigam como a um messias. Os poetas da literatura contemporânea parecem renegar esse modelo, o que causa uma frustração na crítica literária, até porque dificulta seu trabalho ter que ler e conhecer inúmeros poetas, quando poderia se centrar em um pequeno grupo. O que parecia assustador para Iunna Simmon e Vinícius Dantas está se concretizando cada vez de forma mais evidente no cenário literário brasileiro: uma voz poética periférica de mulheres, negros, gays e pobres (minorias); ainda bastante renegada pela academia.

O critério da literariedade, do trabalho com a linguagem, aparece fortemente para desqualificar a poesia que não atende a um conjunto específico de exigências. A estudiosa estadunidense Marjorie Perloff, professora de Humanidades da Universidade de Stanford, em entrevista a Rodrigo Garcia Lopes, em 1996, quando questionada sobre as tendências da poesia dos Estados Unidos da América na época, respondeu com as diversas tendências que a compõem e que são opostas, destacando: o pós-beats, a etnopoesia, os "*language poets*", a poesia visual, novos formalistas e a poesia de minorias "como os *blacks, gays, chicanos*"³. Mas o entrevistador é mais preciso e questiona sobre a opinião de Perloff sobre a poesia de minorias, ao que ela responde:

Se você pegar um poeta chicano ou um poeta *gay*, você vai notar que todos eles seguem a linha confessional. Mas acho que há um motivo para isso, e positivo: eles argumentam que representam uma minoria, e que suas vozes não foram ouvidas. Eles preferem um contato mais imediato com a audiência, e é por isso que a "poesia da linguagem" lhes parece tão dramática e difícil. Confesso que não sei muito bem o que acho disso... A verdade é que estes poetas praticam uma poesia quase sempre direta e que na verdade corresponde a uma estética de um período anterior a este, uma estética dos anos 60. Como se nenhum dos eventos do chamado "pós-modernismo" tivesse acontecido. Temos que esperar para ver que talentos vão ficar. Não quero condenar este tipo de poesia porque eu entendo as razões para isso.

Pouco depois, no entanto, Perloff acaba por admitir que a maior parte da poesia produzida por esses grupos minoritários é ruim. O que evidencia o critério de valor que, normalmente, desqualifica e marginaliza esse tipo de poesia.

³ A entrevista completa está disponível no seguinte endereço web: <http://www.elsonfroes.com.br/perloff.htm> Consta também no livro: "Vozes & Visões: Panorama da Arte e Cultura Norte-Americanas Hoje" (Iluminuras, 1996).

Essa situação de diversidade de tendências e ascensão de uma poesia de minorias também corresponde ao panorama da poesia brasileira contemporânea. Críticos como Marcos Siscar (2005), Alberto Pucheu (2014) e Celia Pedrosa (2015) tentam uma aproximação à poesia contemporânea que busca critérios diferenciados para entender o que está sendo feito na literatura brasileira das últimas décadas para além da valoração clássica baseada em critérios formais e eruditos. Esse é o caminho que nos interessa, uma forma de adaptação dos métodos de análise crítico para a conjuntura de cada vertente de poesia em suas particularidades, não apenas pensar em critérios genéricos que servem para julgamentos de valor que excluem determinadas produções do "status" de poesia ou as relega ao título de "poesia ruim".

Em “A Cisma da Poesia Brasileira” (SISCAR, 2005) há uma reflexão sobre como a poesia contemporânea pode se inscrever na tradição, sobretudo com o papel da crítica diante da dispersão de vertentes e o fundamental trabalho de catalogação. O artigo de Marcos Siscar é uma constatação, por um lado, que a tradição dos estudos literários não está aberta ao diálogo, já que na análise da "luta de espadas" de suas diferentes tendências há uma finalidade de hierarquização/valorização de determinados poetas em detrimento e marginalização de outros. Mas, por outro, a forma como o autor aborda o problema de como o poeta pode ser reconhecido como integrante de sua tradição, evidencia um deslocamento dos critérios para inclusão de poetas do contemporâneo. Nesse sentido, vejo a manifestação de uma opinião desfavorável à crítica tradicional ao mesmo tempo em que, como crítico e professor, Siscar já sugere uma possibilidade de conciliação com a poesia contemporânea. Há uma evidenciação mais intensa de como a crítica pode estar distante das necessidades do contemporâneo com o artigo “As desilusões da crítica de poesia” (SISCAR, 2010)⁴:

é preciso reconhecer que, quando a crítica formula suas opiniões sobre a poesia, ela está formulando também suas respostas para uma problemática que está além (ou aquém) do seu objeto. Acho que um dos sintomas disso é que os elementos apontados por essa crítica como problemas específicos da poesia contemporânea estão localizados mais frequentemente na relação dos poetas com a tradição, com as instituições, com os outros poetas, enfim, na postura pública dos produtores de poesia, e menos frequentemente na esfera do poema. O que quero dizer é que o discurso da crítica, que formula uma demanda de valor à poesia, expressa indiretamente uma inquietação que a crítica experimenta por si mesma.

Dessa forma, para além da produção poética, a crítica estaria atendendo às necessidades próprias de seu sistema, numa retroalimentação mais preocupada em ecoar sobre si mesma que em buscar uma análise dos poetas/poemas do contemporâneo. A relação entre a poesia e a crítica remete à tradição e ao estabelecimento do cânone, porém com a fragilização dessa referência de estabelecimento dos poetas que merecem ser "canonizados" no contemporâneo surge o mal-estar teórico e o permanente discurso da "crise da poesia brasileira" como um axioma que serve a desqualificação.

Outra luz sobre a questão da crítica e poesia contemporâneas brasileiras surge no artigo de Celia Pedrosa (2015) “Poesia e crítica de poesia hoje: heterogeneidade, crise, expansão” em que a autora na mesma linha de Ludmer e Garramuño rejeita os antagonismos simplistas e a busca por uma homogeneização da poesia do presente,

⁴ Os dois artigos citados de Marcos Siscar integram o seu livro *Poesia e crise: ensaios sobre a “crise da poesia”* como topos da modernidade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. E estão disponíveis em inúmeros *sites* na internet, inclusive no blog do professor: <http://marcossiscar.blogspot.com.br/>.

enquanto destaca o caráter incerto dos parâmetros de avaliação e produção, causando, por isso, um vazio classificatório. Ao visitar teóricos como Silviano Santiago e, a aqui citada, Florencia Garramuño, Pedrosa destaca a inutilidade das dicotomias, da insistência em polarizar as tendências e acaba por corroborar com a ideia da fluidez heterogênea do contemporâneo, que perpassa e borra as fronteiras, por exemplo, entre as diferentes vertentes da poesia, dos gêneros e das áreas de saber. Mais uma vez, vê-se a macrorrede de relações imbricadas no contemporâneo.

Junto a Siscar e Pedrosa, Alberto Pucheu (2014) no livro *Apoesia contemporânea* vai mais longe em suas pretensões críticas e perspectivas sobre a poesia brasileira contemporânea. No capítulo "apoesia contemporânea", discute detalhadamente as propostas de Ludmer e Garramuño sobre as escritas do presente, para além da classificação de "literatura", e ao citar a relativização já proposta por Tzedan Todorov da queda das fronteiras entre a leitura literária e outras leituras, evidencia a velha discussão sobre o gozo estético na escrita que tradicionalmente caberia à literatura proporcionar, rapidamente rejeita esse caráter exclusivo/ privilegiado⁵. Pucheu apresenta uma visão libertária na aproximação crítica à poesia e em uma conclusão emocionante que aponta para o "além" ao subverter as normas, renega as leis que podem representar amarras à poesia:

E que, além disso, nesse gesto político de colocar uma marca de imagem, palavra e pensamento no lugar do privado e do Estatal, ela, "sujando (sob o ponto de vista supostamente asséptico desses) o privado e o Estatal, seja sem lei, ou seja, nem autônoma nem mesmo heterônoma, mas unicamente anômica.

E que, além disso, não exigindo o gesto mais ou menos reclusivo do livro, da sala de cinema, da sala de teatro, do museu, da galeria, do quarto ou da sala (vídeo, DVD etc.), do escritório ou da biblioteca (computador pessoal), da livraria, do bar, das imensas arenas públicas para shows... ela se queira, no meio do caminho de qualquer um, em plena cidade aberta, agindo não em tais espaços resguardados em que se dá(ão) a(s) atração(ões) principal(is), mas tendo por reivindicação primeira sua interação com quaisquer outros acontecimentos cotidianos, por entre os quais desliza. E que, além disso, acatando o jogo dispersivo dos transeuntes, ela se insira nele no meio do cotidiano por intensidades imprevisíveis, abalando e destruindo a própria categoria de espectador. (...) E que, além disso, me leva a não saber se é ou não o que se pode chamar de literatura ou de poesia. Que ela seja sem livro, sem autoria, sem gênero, sem nação, sem cidade, sem bairro, sem dinheiro, sem mercado, sem consagração, sem avaliação prévia, sem os meios de comunicação de massa... Que ela seja sem. Que ela seja. apoesia. Contemporânea. (PUCHEU, 2014, p.273 - 274).

Temos, então, a possibilidade radical da poesia livre de qualquer lei, surgindo de qualquer lugar. E, nessa conjuntura, eu reafirmo:

*eu quero que brote poesia
em cada buraco do asfalto
na periferia⁶*

⁵ Alberto Pucheu cita algumas obras de Todorov, como a conhecida *Literatura em perigo* (2009), e também a conferência *Poderes da poesia*, proferida por Tzedan Todorov no Rio de Janeiro, na qual o professor brasileiro teve a oportunidade de fazer uma questão sobre o tema diretamente a Todorov.

⁶ Trecho de poema da autora, feito durante o Movimento OcupAçude, mobilização social de ocupação urbana em Campina Grande, 2016, junto à participação do Ariel Coletivo Literário em apoio ao movimento.

Está decretado o fim de hierarquizações, das exclusões como consequência das classificações canônicas. Essa ideia está corroborada pelas imagens de poemas urbanos, poemas-intervenções urbanas que Pucheu coloca no final de seu artigo.

4. Um ponto de apoio ou provisórias considerações finais

A defesa de Alberto Pucheu por uma poesia/ apoesia pode parecer um esvaziamento da função da crítica ao constituir uma possibilidade anárquica para validar a poesia brasileira contemporânea, em uma ideia de desagregar as caracterizações, as qualificações, para chegar ao ponto em que todo texto pode ser considerado poético. Pucheu eleva as ideias de Garramuño e Ludmer ao ápice, atitude que remete também à ideia de profanação de Agamben (2007), de repensar a sociedade e a arte derrubando o poder das separações por conseguir brincar com essas barreiras, fazer novos usos. Penso inclusive que neste sentido o reconhecimento de um texto como poesia (apoesia) pode ser feito, para além do especialista professor/ crítico, por qualquer pessoa que produza, distribua/compartilhe ou leia um texto.

Embora não seja possível pensar em mudanças radicais imediatas no cenário da academia e da crítica literária de forma geral, iniciativas como as de Pucheu chacoalham os estudiosos com propostas conceituais como a *anomia* que pode soar como agressiva ou irônica para os professores mais tradicionais, mas que se apresenta como uma esperança de mudança para aqueles que vislumbram uma universidade realmente universal, e uma poesia acessível.

O estabelecimento da tradição e do cânone tem função didática evidente para quem, como eu, estuda literatura e trabalha em sala de aula com literatura. Apesar de reconhecer isso, percebo que normalmente houve um elitismo e uma supervalorização de determinadas tendências em detrimento de outras, já que se procuravam critérios predeterminados para a avaliação da literatura em geral, como isso normalmente foi feito por eruditos, obviamente, vertentes mais populares foram excluídas de coletâneas e histórias da literatura no decorrer dos tempos. A justificativa do critério intrínseco ao texto literário como objeto autônomo de forma nenhuma parece plausível quando consideramos que as características socialmente aceitas de gênero (ser homem), de classe social (ser da alta sociedade), de cor (ser branco) e de orientação sexual (ser heterossexual) ditaram durante a maior parte da história da escrita aqueles que poderiam escrever, ser publicados e lidos. Obviamente, algumas escritoras e escritores se configuram como exceção e assumem um lugar na tradição apesar de ser mulher, pobre, negro(a) e homossexual. Entretanto, ainda há uma luta constante hoje para a superação dos privilégios sociais e para o acesso à produção e leitura de poesia as mais diferentes pessoas.

A situação do conhecimento no contemporâneo permite abrir esse espaço de legitimação - e, conseqüentemente, espaço de poder - a uma pluralidade, a autores e obras, poetas e poemas que na visão clássica da crítica não teriam espaço de reconhecimento como pertencentes à tradição. Essa possibilidade representa uma perspectiva horizontal de convivência, em que ao contrário de hierarquizar, classificando em boa ou má literatura, grandes e pequenos poetas, busca-se uma organização em esferas em que o juízo de valor aparece relativizado.

Esse ponto de vista teórico foi cunhado por autores como Boaventura de Sousa Santos em “Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes” (2007) em que explica a permanência da lógica colonial nas relações políticas e

culturais excludentes do sistema mundial contemporâneo que ainda remontam às linhas cartográficas abissais do lá e do cá, sendo impossível a co-presença nos dois lados da linha. Como solução possível para essa situação hierárquica absurdamente desigual há o pensamento pós-abissal e a ecologia dos saberes, que reconhecem a pluralidade de conhecimentos heterogêneos dentro de uma teia maior de relações e funções, o que aclara sobre a necessidade de aprender com o sul, com os historicamente marginalizados político, social e cognitivamente: "Como ecologia de saberes, o pensamento pós-abissal tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento". Uma ideia semelhante a essa é a do *saber polilógico* proposta por Ottmar Ette (2014), que consiste no saber que vem de várias lógicas culturais que surgem em contextos diferenciados por uma trajetória linguística, social e econômica específica.

Esses estudiosos das ciências sociais e dos estudos culturais têm muito a oferecer à crítica e à teoria literárias porque buscam ferramentas que respondem ao contemporâneo com soluções mais inclusivas e poliédricas para a perspectiva analítica.

Dessa forma, em lugar de excluir um poeta ou classificar uma poesia como ruim, pensando de forma polilógica se procuraria refletir sobre os motivos dessa produção e sobre a funcionalidade dela em seu contexto específico. Os critérios para análise precisam ser revistos a todo instante porque o saber, a produção de arte e de conhecimento atendem a necessidades de lógicas múltiplas. Por isso, determinado poeta ou poema classificados pela crítica tradicional como "poesia ruim" pode ser significativo em sua esfera, entre aqueles que leem e/ou escutam sua poesia e a valorizam como arte. Além disso, retoma-se a imagem da aquarela proposta por Pucheu (2014) em que vemos uma superposição não excludente entre os planos, a poesia é diversa e pode ser vista e valorizada nessa multiplicidade de facetas.

No campo das artes visuais, questões como a estética formalista já foi "superada" desde os anos sessenta com o emblemático estudo de Joseph Kosuth (2006) "A arte depois da filosofia" em que ele defende, entre outros pontos, uma arte para além do objeto e da técnica, em uma defesa da arte conceitual que questiona a natureza e função da arte frente à supremacia da pintura e da escultura como vertentes tradicionais e privilegiadas pelos críticos. O que podemos levar de aprendizado das artes visuais para poesia é exatamente esse caráter de contestação da técnica como critério definidor para ser considerado um texto poético, juntamente com a negação do estabelecimento do cânone apenas restrito a tendências poéticas que desfrutam de prestígio tradicional. No contemporâneo plural, parece-me que a função da crítica é desdobrar-se em expor a diversificação e mais que valorizar a partir de critérios pré-estabelecidos de uma época anterior, pensar em caracterizar a poesia contemporânea a partir da heterogeneidade de propostas e de contextos de produção. Nesse sentido, a relação com a tradição se dará de forma horizontal, observando os pontos de encontro e os de distanciamento que os poetas do presente têm com os seus antecessores, sem que para isso seja preciso rotular de "melhor" ou "pior", "bom" ou "ruim". Há espaços e interesses múltiplos na produção, compartilhamento e leitura de poesia na atualidade, a crítica literária e a universidade também podem, coerentemente, permitir-se uma abertura despida de hierarquizações e exclusões para entender a importância da poesia produzida após o modernismo, incluir o estudo de poetas mais recentes, de poesia contemporânea, com ferramentas e perspectivas também contemporâneas de análise.

Referências

AGAMBEM, Giorgio. **Profanações**. Tradução e apresentação de Selvino José Assman. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Santa Catarina: Argos, 2009.

BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-Produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo**. Tradução de Denise Boltmann. São Paulo: Martins (Coleção Todas as Artes), 2009.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

ELIOT, T.S. **Ensaio**. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

ETTE, Ottmar. Entrevista **América Latina en la dinámica de los espacios transareales: literaturas, globalizaciones y saberes sobre el vivir**. Disponível em:

<https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/ojs/index.php/HilodelaFabula/article/view/456>

Acesso: 17 de julho de 2015.

GARRAMUÑO, Florencia. O império dos sentidos: poesia, cultura e heteronomia. IN: Pedrosa, Celia; Alves, Ida (org.). **Subjetividades em devir: estudos de poesia moderna e contemporânea**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. pp. 82-92. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=LKH9nktdcSYC&pg=PA82&lpg=PA82&>

Acesso: 26 de junho de 2016.

KOSUTH, Joseph. A arte depois da filosofia. IN: Ferreira, Glória; Cotrim, Cecília.

Escritos de artistas anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LOPES, Rodrigo García. Entrevista com Marjorie Perloff - A detetive das letras norteamericanas. Entrevista retirada do livro **Vozes & Visões: Panorama da Arte e Cultura Norte-Americanas Hoje**. Iluminuras, 1996. Disponível em: <http://www.elsonfroes.com.br/perloff.htm> Acesso: 16/07/2016.

LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. **Ciberletras. Revista de crítica literaria y de cultura**, N° 17, Julio 2007.

PEDROSA, Celia. Poesia e crítica de poesia hoje: heterogeneidade, crise, expansão. **Revista de estudos avançados**, vol.29, n.84, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142015000200020> Acesso: 27 de junho de 2016.

PUCHEU, Alberto. **Apoesia contemporânea**. Rio de Janeiro: FAPERJ/ Azougue editorial, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. [Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes](#). **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 78, 3-46. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/147_Para%20alem%20do%20pensamento%20abissal_RCCS78.pdf . Acesso: 20 de julho de 2015.

SIMON, Iunna Maria; DANTAS, Vinícius. Poesia ruim, sociedade pior. IN: **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.º 12, pp. 48-61, jun. 85. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/saoluis/arquivos/MC046%20%20Poesia%20ruim,%20sociedade%20pior.%20pdf> . Acesso em: 17 de março de 2016.

SISCAR, Marcos. A cisma da poesia brasileira. Texto publicado na **Revista de Poesia e Cultura**, ano 5, n. 8-9, 2005, Ateliê Editorial. Disponível em: http://www.germinaliteratura.com.br/sibila2005_acismadapoesia.htm . Acesso em: 15 de abril de 2016.

_____. **As desilusões da crítica**. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_509.pdf . Acesso em: 23 de maio de 2016.

WINISK, José Miguel Soares. Estado irredutível da Linguagem. IN: CICERO, Antonio (curadoria). **Forma e Sentido: Poesia Contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora do Estado do RJ, 2011.

